

RELEVÂNCIA E FUNÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NO EVANGELHO DE JOÃO

Marina Beatriz Mendonça Barone (IC) e João Cesário Leonel Ferreira (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Este artigo propõe a leitura do texto bíblico a partir de uma perspectiva literária que permeia conceitos levantados por autores como Beth Brait e Antonio Candido. Já as concepções teológicas foram abordadas a partir de apontamentos realizados principalmente por Alan Culpepper e Cláudio Vianney Malzoni. A partir da leitura de nomes como esses e outros, é sugerida a análise de passagens específicas contidas no evangelho de João, sendo estas as que fazem menção à presença de personagens femininas no desenvolvimento do enredo, buscando relacionar suas respectivas aparições com a progressão da narrativa escrita pelo evangelista sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, assim como seus milagres, sermões e diálogos com seus discípulos e demais figuras que são expostas ao longo do texto. Posto isso, une-se, então, a teoria literária com as Sagradas Escrituras, buscando examinar os referentes trechos destacados no perpassar do artigo à luz de perspectivas literárias sobre a construção de personagens dentro de uma narrativa. Ainda que a maioria dos trechos bíblicos seja lacônica, é possível notar que a produção do autor é intencional e expressiva para a literatura da época em que o livro do evangelho segundo João foi escrito. Finalmente, é desenvolvida a interpretação literária de cada trecho responsável por apresentar ao leitor alguma personagem feminina, indicando sua relevância e função.

Palavras-chave: Bíblia; literatura; personagem.

ABSTRACT

This article proposes the reading of the biblical text from a literary perspective that permeates concepts raised by authors such as Beth Brait and Antonio Candido. The theological conceptions were approached from notes made mainly by Alan Culpepper and Cláudio Vianney Malzoni. From the reading of authors like these and others it is suggested the analysis of specific passages contained in the Gospel of John, which mention the presence of women characters in the development of the plot, trying to relate their respective appearances with the progression of the narrative written by the evangelist about the life, death and resurrection of Jesus Christ, as well as his miracles, sermons and dialogues with his disciples and other figures that are exposed throughout the text. Having said this, literary theory and the Holy Scriptures are brought together, seeking to examine the referent passages highlighted throughout the article in the light of literary perspectives on the construction of characters within a narrative. Although most of the biblical passages are laconic, it is possible to note that the author's production is intentional and expressive for the literature of the time in which the book

of the Gospel according to John was written. Finally, the literary interpretation of each passage responsible for introducing the reader to some female character is developed, indicating her relevance and function.

Keywords: Bible; literature; characters.

1. INTRODUÇÃO

O texto bíblico proporciona diversas experiências aos seus leitores no decorrer das jornadas que são narradas nas Escrituras. Movidos por devoção ou simplesmente por curiosidade, os que têm acesso às páginas do texto sagrado judaico-cristão se deparam com inúmeros episódios que, por vezes, promovem, não somente uma leitura desafiadora, como igualmente uma reflexão pessoal.

Além disso, por ser apresentada através de uma rica narrativa, é possível que a Bíblia seja transformada em um excepcional objeto de pesquisa a todos os que desejam maiores esclarecimentos sobre o texto. Do âmbito teológico ao literário, ao longo dos anos as Sagradas Escrituras têm cumprido com excelência esse papel, despertando olhares atentos e proporcionando diversos debates sobre os mais variados assuntos.

Posto isto, enfatiza-se, então, que o texto bíblico será o ponto de partida da pesquisa em questão, que foi desenvolvida no intuito de contribuir com a expansão do estudo do texto Sagrado enquanto literatura dentro do ambiente acadêmico de letras, procurando trazer respostas ao seguinte questionamento: qual a relevância e a função das personagens femininas no evangelho de João?

De acordo com a tradição¹, aceita-se majoritariamente que o Evangelho em questão foi escrito por João, irmão de Tiago, filho de Zebedeu. Abundante em detalhes, o autor divide seu relato em duas seções principais. A primeira, do capítulo 1 ao capítulo 12, narrando os encontros, sinais e maravilhas realizados por Jesus Cristo; a segunda, do capítulo 13 ao capítulo 21, registrando os discursos pessoais de Jesus e, por fim, relatando sua morte e ressurreição.

Vale ressaltar também que, diferentemente dos evangelhos sinóticos (Marcos, Mateus e Lucas), João conta com um prólogo poético, que se alterna com trechos narrativos, prenunciando com maestria todo o conteúdo que será apresentado no decorrer do livro. No capítulo 1, os versículos 11 e 12² são tidos como um resumo de todo o escrito de João, sendo a chave principal para a interpretação textual. A versão do texto bíblico que será utilizada em

¹ BÍBLIA de estudo. Nova versão transformadora. São Paulo: Mundo Cristão, 2018. p. 1707

² “Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. No entanto, a todos os que o receberam, àqueles que creem no seu nome, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus;” (João 1:11-12)

todo este artigo será a da Bíblia Thompson, de tradução de João Ferreira Almeida, publicada pela Editora Vida, em 2010.

Dessa forma, parte-se para uma análise mais restrita do texto. Observando o enredo, nota-se a presença outras personagens em seu desdobramento, alguns com aparições exclusivas no evangelho joanino. É o caso da maioria das personagens femininas citadas na história.

Ainda que pouco valorizadas pela sociedade da época, as mulheres sempre estiveram presentes na história do povo hebreu e, uma vez que ao longo de todo o Antigo Testamento é possível notar a manifestação de inúmeras representantes (como por exemplo Eva, Ana, Ester, Rute, Débora etc.), não seria diferente na leitura do Novo Testamento. Logo, a pesquisa justifica-se por averiguar a importância e o papel exercido por mulheres em um contexto religioso, social e histórico no qual eram consideradas inferiores em relação aos homens.

Observando a Bíblia debaixo da perspectiva da literatura e suas teorias, no decorrer deste artigo será explicada de maneira mais detalhada a formação da personagem dentro do texto literário, compreendendo melhor seu funcionamento e possibilidades dentro do enredo. A começar pela explanação do tópico literário, uma breve descrição da narrativa bíblica do evangelho de João e uma abordagem mais detalhada sobre sua construção das personagens femininas. Por fim, a conclusão que traz o objetivo da consulta: compreender qual a relevância e a função de cada uma delas no texto joanino. A partir dessa apuração, investigar o valor de cada uma delas no desenvolvimento do enredo desse evangelho, contribuindo para o cumprimento do propósito central do texto, aquele revelado no prólogo e anteriormente já citado, a revelação de Deus Pai por meio de Jesus Cristo.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Observando-se qualquer enredo nota-se, como em um exercício quase que concomitante, suas personagens. Inicialmente, interessa ao leitor saber quem elas são, como e onde vivem e qual sua importância para a história. Um olhar um pouco mais atento pode levantar questões mais complexas, como por exemplo, quais são as problemáticas em que elas se envolvem? Qual o desenvolvimento de cada uma delas? Como cada uma delas contribui para o andamento da narrativa? Antonio Candido afirma que “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo” (CANDIDO, 2020, p. 53). Logo, a partir desse pressuposto, entende-se que é impossível dissociar um elemento do outro, assim como Silva (2010, p. 687) relembra em sua obra, *Teoria da Literatura*, a observação de Roland Barthes (1977, p. 33), de que sem personagem não existe verdadeiramente uma narrativa, afinal, cada ação deve ser atribuída a um agente. Alan Culpepper aponta em sua obra *Anatomy of the Fourth Gospel* notas de diversos estudiosos que registram, a partir de suas pesquisas

literárias, as definições e características de um enredo. Culpepper registra as palavras de Forster (FORSTERS apud CULPEPPER, 1983, p. 80, tradução nossa):

Um enredo é também uma narrativa de eventos, a ênfase recaindo sobre a causalidade. “O rei morreu, e então, a rainha morreu” é uma história. “O rei morreu, e então, a rainha morreu de tristeza” é um enredo. O tempo e a sequência são preservados, mas o senso de causalidade os ofusca.

Com base nessa afirmação, entende-se que o enredo de uma narrativa não conta somente com uma sequência de situações relatadas em um determinado período, mas também com a razão pela qual as ocorrências apontadas são descritas. É nesse contexto de causalidade que as personagens são moldadas, trazendo ao leitor maiores esclarecimentos, ou então questionamentos sobre quem elas são.

Dentro dos estudos teóricos literários, encontram-se melhores definições sobre a construção de uma personagem inserida no texto. Beth Brait (2017, p.97) registra as seguintes palavras de Autran Dourado: “O personagem é o substantivo que vive na frase através do verbo que lhe dá movimento. É sobretudo com o substantivo que se fazem as imagens e as metáforas”. Os agentes de uma ação são postos em comparação a substantivos, uma vez que seus movimentos são determinados por algum verbo, caracterizando atividades que podem ser tanto físicas (externas) quanto psicológicas/morais (internas). É através da personagem que são construídas as metáforas do enredo, pois elas são os que, em partes, sustentam a mensagem a ser transmitida, trazendo ao leitor uma perspectiva mais cheia de vida.

Ainda sob a ótica da teoria da literatura, Antonio Candido (2014) retoma os estudos de Forster, que apontam para personagens planas e personagens esféricas. O autor afirma que as personagens tidas como planas são facilmente reconhecíveis a partir de seu surgimento e igualmente lembradas pelo leitor, porque permanecem em um mesmo estado de espírito, não se alterando em nenhuma circunstância. Já as personagens tidas como esféricas não são claramente definidas pelo ensaísta, porém, entende-se que estas são organizadas com maior complexidade e, por consequência, são capazes de surpreender convincentemente os que as conhecem, trazendo em si a imprevisibilidade da vida, que é relatada nas reviravoltas que elas podem registrar. Candido (2014, p. 68) também traz os estudos do romancista francês François Mauriac, que propõe uma classificação de personagens que considera três diferentes graus de afastamento em relação ao ponto de partida na realidade: 1. Disfarce leve do romancista, classificação que se dá, geralmente, às personagens de romancistas memorialistas (que combina autobiografia, relatos e reflexões intelectuais). 2. Cópia fiel de pessoas reais, não se tratando precisamente de criações, mas de reproduções de figuras já

presentes na realidade. 3. Personagens inventadas, onde a realidade é somente o ponto de partida para substancializar o que já foi previamente imaginado.

Porém, independente de qual seja a classificação das personagens, é preciso manter em mente que são elas o recurso que cada autor, conforme seu objetivo, utiliza para trazer vida e/ou sequência ao seu enredo, sendo capaz de optar por manter uma superficialidade em suas construções ou, então, convidar seu leitor a refletir sobre questões íntimas e profundas do ser humano que são trazidas à tona através de cada uma delas.

No texto bíblico, a análise de personagens torna-se mais desafiadora, uma vez que as Escrituras contam com inúmeros registros lacônicos, ou seja, nem sempre dão a seus leitores informações completas sobre os sujeitos presentes no enredo. Robert Alter (2007, p. 174), em sua obra *A arte da narrativa bíblica*, afirma que:

[...] a narrativa bíblica não contém análises minuciosas de causas ou razões, nem entra em detalhes a respeito de processos psicológicos; somente nos concede indicações mínimas acerca de sentimentos, atitudes e intenções, e oferece-nos pouquíssimas informações sobre o aspecto físico, a gesticulação e os trejeitos, a roupa e os instrumentos usados pelos personagens, o ambiente físico em que eles cumprem seus destinos. Em suma, todos aqueles sinais de uma individualidade matizada a que a tradição literária ocidental nos habituou [...] parecem estar ausentes na Bíblia.

Ao olhar para o texto sagrado, é comum encontrar diversas personagens que nem nomeadas são, principalmente nos escritos do Novo Testamento. Ainda que o evangelho segundo João possua inúmeros detalhes que os demais autores optaram por omitir, algumas personagens permanecem sendo apresentadas de modo incompleto, sendo caracterizadas de modo seletivo. Um exemplo é o relato do capítulo 4, dos versos 46 ao 53:

Uma vez mais Jesus foi a Caná, onde transformara a água em vinho. E havia ali um oficial do rei, cujo filho estava doente em Cafarnaum. Ouvindo este homem que Jesus tinha chegado à Galileia, foi procurá-lo. Ao encontrá-lo, rogou-lhe que descesse e curasse o seu filho que estava à morte. Jesus lhe disse: Se não virdes sinais miraculosos e prodígios, de modo nenhum creereis. Disse o oficial: Senhor, desce, antes que meu filho morra. Respondeu Jesus: Vai, o teu filho vive. O homem creu na palavra de Jesus e partiu. Enquanto ele estava a caminho, saíram-lhe ao encontro os seus servos e anunciaram que seu filho vivia. Perguntando a ele que hora seu filho se achara melhor, disseram: Ontem, à uma hora da tarde, a febre o deixou. Então o pai entendeu ser essa exatamente a hora em que Jesus lhe disse: Teu filho vive. De modo que creu ele e toda a sua casa.

No texto considerado, o autor nomeia somente uma personagem, que é Jesus, reafirmando sua identidade no percurso do enredo. Além disso, há a aparição de outras figuras que são brevemente descritas. A primeira delas é o homem que, inicialmente, surge como oficial do rei. A partir dessa informação, pressupõe-se que é alguém de boa formação

e bem estabelecido com seus recursos, tendo igualmente um lugar de honra na guarda real. A atribuição de características maiores que essas torna-se um exercício complicado, uma vez que as informações fornecidas pelo autor são insuficientes. Há também menção do filho do oficial, que sabemos estar doente. Porém, qual seria sua enfermidade? Há quanto tempo ele estaria mal? Sendo filho de um oficial do rei, não teria tido acesso aos melhores tratamentos da época? São estes os questionamentos que completariam as informações sobre o estado do menino, mas que não temos nenhum registro de João especificando tais questões. Por fim, são citados, rapidamente, os servos do oficial, que no relato possuem uma única função, a de levar a mensagem de que a cura havia sido operada. Entretanto, há um fator específico sobre o oficial. Sua primeira definição é a de um servo do rei, porém, o trecho se encerra caracterizando-o não mais por sua profissão, mas sim por sua responsabilidade familiar de pai, como se diante do ocorrido, já não importasse mais sua posição social, e sim, sua paternidade latente, que o moveu em direção àquele que sua fé dizia que poderia aliviar sua aflição.

Nesse caso, possuímos elementos escassos para maiores classificações das personagens do texto, porém, é possível inferir que, a respeito do oficial, trata-se de uma personagem plana, uma vez que manteve sua fé em Jesus durante todo o trecho narrado. Ainda que a forma pela qual o autor decida apresentá-lo seja alterada no desdobrar da narrativa, sua essência permanece a mesma, sem variações, e é sob essa mesma perspectiva de análise que as personagens femininas do evangelho segundo João serão examinadas, para que, por fim, compreenda-se com maior riqueza de detalhes qual é sua relevância e função.

Após uma pesquisa realizada por meio de uma intensa e repetida leitura do evangelho de João, foi possível listar quais são as personagens femininas contidas no enredo. Na forma e ordem em que são apresentadas, são elas: a mãe de Jesus (João 2:1-12); a mulher samaritana (João 4:1-42); a mulher adúltera (João 8:1-11); Marta e Maria (João 11:1-44; 12:1-11); algumas mulheres aos pés da cruz (João 19:25-27) e Maria Madalena (João 20:1-2; 20:11-18). Dentre todos estes relatos, os únicos que se encontram em outros evangelhos são os que dizem respeito à Maria, irmã de Marta, no episódio em que ungiu Jesus em Betânia (Mateus 26:6-13; Marcos 14:3-9; Lucas 7:37-50) e o encontro de Jesus com Maria Madalena após sua ressurreição (Marcos 16:9-11). Nota-se também que algumas delas não recebem nomeação, ainda que, no geral, sejam figuras marcantes tanto no contexto de fé, quanto na narrativa bíblica, como, por exemplo, Maria, a mãe de Jesus. É por esse episódio em que ela é citada que as menções às personagens femininas no evangelho de João iniciam.

A construção textual na perícope que relata as Bodas de Caná aponta primeiramente para a cultura em que estavam inseridos naquela época, uma vez que, após ter seu primeiro filho do sexo masculino, a mulher virava “a mãe de...”. Com isso, além de prezar pela tradição do período histórico, o autor acaba por evidenciar a pessoa de Jesus Cristo, o único nomeado no decorrer da cena.

Com base na leitura do capítulo 2, dos versículos de 1 a 12³, percebemos que a mãe de Jesus não apenas o acompanhava, uma vez que havia sido convidada para o casamento e era seu filho com seus discípulos que se encontravam no mesmo local que ela. Jesus talvez até tenha chegado posteriormente, partindo do conhecimento de que uma festa matrimonial na cultura judaica tinha por comum duração sete dias. O diálogo que se segue durante a narrativa desenvolve a forma com a qual se deu o primeiro milagre realizado por Jesus, precisamente incentivado por sua mãe.

Ao indicar as seis talhas de pedra utilizadas no rito de purificação cerimonial, o autor reflete um certo despreparo dos anfitriões da comemoração das bodas, afinal, a quantidade de talhas em comparação à quantidade de dias que o evento duraria não eram compatíveis. Notando o infortúnio da ocasião, a mãe de Jesus o notifica sobre a situação e a resposta do filho demonstra um certo afastamento no momento. Ao lermos as palavras “Mulher, que tenho eu contigo?” (v. 4) supomos inicialmente que Jesus nada realizaria a respeito do ocorrido. Porém, ao estímulo de sua mãe aos serventes do evento, Jesus dá a eles a orientação para encherem de água as talhas até a borda e eles seguem as instruções dadas por ambos. O resultado dessa obediência já é conhecido; quando o mestre de cerimônia prova da água servida pelos empregados é surpreendido pelo melhor vinho da festa, contrariando a lógica cultural de que o vinho de mais alta qualidade era servido no início e não no final da celebração.

Além de uma bebida comum, o vinho também tem valor simbólico no judaísmo. Um bom vinho figurava a bênção de Deus sobre o seu povo e no episódio das Bodas de Caná,

³ “No terceiro dia houve um casamento em Caná da Galileia. A mãe de Jesus estava ali; Jesus e seus discípulos também haviam sido convidados para o casamento. Tendo acabado o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: Não têm mais vinho. Respondeu-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não chegou a minha hora. A sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo o que ele vos disser. Estavam ali seis talhas de pedra que os judeus usavam para as purificações, e cada uma levava duas ou três metretas. Disse-lhes Jesus: Enchei de água essas talhas. E encheram-nas até a borda. Então lhes disse: Tirai agora e levai ao mestre-sala. Eles assim fizeram. Logo que o mestre-sala provou a água transformada em vinho, não sabendo ele de onde viera, se bem que sabia que os serventes tinham tirado a água, chamou o noivo e disse: Todos põem primeiro o vinho bom e, quando já beberam fartamente, então o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho. Este, o primeiro de seus sinais miraculosos, Jesus realizou em Caná da Galileia. Assim revelou sua glória e seus discípulos creram nele. Depois disso, desceu para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos. E ficaram ali não muitos dias.” (João 2:1-12).

onde já não havia vinho, após a chegada e ação de Jesus houve abundância daquilo que estava em falta. Dessa forma, é representada a aurora do período messiânico entre os judeus através da pessoa de Jesus Cristo. São escassas as informações que o autor traz sobre Maria, inclusive suprimindo seu nome do relato, mas o que se sabe é que além de ser a representação de uma pessoa existente na realidade, esta demonstra sua relevância, apesar de sua evidência e não por causa dela, visto que se utiliza de sua posição de convidada e mãe para mobilizar os empregados da festa e seu filho para que estes pudessem agir conforme lhes cabia.

Avançando no texto bíblico, encontra-se um trecho emblemático em toda a narrativa dos quatro evangelhos: o encontro de Jesus com a mulher samaritana à beira de um poço a caminho da Galileia. Narrado no capítulo 4 do evangelho de João, dos versículos 1 ao 26⁴, está em evidência que esse é um episódio mais longo que o anterior, com maior riqueza de detalhes sobre o encontro e sobre a vida da personagem feminina encontrada pelo Mestre. Não se sabe seu nome, apenas que é uma mulher samaritana. Porém, através de outros elementos trazidos pelo autor, é possível compreendermos melhor quem ela era e quais eram os seus anseios, estes que foram explorados por João de modo paciente durante o diálogo exposto na narrativa.

Enquanto seus discípulos seguiam rumo ao centro da cidade em busca de comida (v.8), Jesus se assenta junto à fonte de Jacó, na entrada da cidade de Sicar. A marcação temporal indica que o encontro ocorreu em plena luz do dia e o narrador também ressalta o fato de que,

⁴ “Quando os fariseus ouviram que Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João [...] ele deixou a Judeia e voltou outra vez para a Galileia. E era-lhe necessário passar por Samaria. Chegou a uma cidade samaritana chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José. Estava ali a fonte de Jacó, e Jesus, cansado da viagem, assentou-se junto à fonte. Era quase meio-dia. Vindo uma mulher samaritana tirar água, Jesus lhe disse: Dá-me de beber [...] Disse-lhe a mulher samaritana: Como, sendo tu, judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana? (Pois os judeus não se dão bem com os samaritanos). Respondeu-lhe Jesus: Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que te pede: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que tirá-la, e o poço é fundo. Onde tens a água viva? És tu maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, do qual ele próprio bebeu, bem como seus filhos e seu gado? Respondeu Jesus: Todo aquele que beber desta água tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu der nunca mais terá sede. Deveras, a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que jorre para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não tenha mais sede, nem precise vir aqui tirá-la. Disse-lhe Jesus: Vai, chama o teu marido e volte aqui. Respondeu ela: Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Tens razão em dizer que não tens marido, pois já tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido. Isso disseste com verdade. Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, mas vós, os judeus, dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me, a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós, os samaritanos, aforais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. No entanto, vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, pois o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade. Disse-lhe a mulher: Eu sei que o Messias (chamado Cristo) vem. Quando ele vier, nos explicará tudo. Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo.” (João 4:1-26)

naquele período, os judeus e os samaritanos possuíam algumas desavenças entre si. Cláudio Vianney Malzoni explica em sua obra *Evangelho segundo João*, que: “Para os judeus, os samaritanos eram mestiços do ponto de vista étnico e sincretistas do ponto de vista religioso” (2018, p.105). Ou seja, o olhar do judeu para o samaritano era comumente de desprezo e desqualificação, uma vez que para eles o povo de Samaria era visto como um grupo indefinido em sua raça e em sua fé. Com isso, o questionamento daquela mulher passa a ser igualmente o do leitor: como Jesus, um homem judeu, pede a uma mulher samaritana água para beber? Como ousaria ele tentar algum tipo de aproximação, sabendo que a diferença entre gêneros e origens não seriam bem recebidas pela sociedade da época? Vê-se a mulher, então, como a representante de todo um povo malvisto pelos judeus e o fato de Jesus ter ido intencionalmente ao seu encontro mostra que ali ele rompia com qualquer discriminação que anteriormente havia tido espaço entre os judeus.

Prosseguindo na leitura do diálogo entre as duas personagens, Jesus destaca especificamente uma expressão: água. Culpepper (1983) esclarece que quando um autor traz a repetição de um determinado termo, seja na obra em que for, maior é a evidência de que quem escreve está querendo afirmar algo com aquilo. No texto joanino, é explícita a ênfase que Jesus dá para os significados da água, tanto no sentido denotativo quanto no conotativo. Inclusive, é por essa temática que ele se aproxima da mulher que estava perto do poço para retirar água, e é nessa conversa que Jesus acrescenta mais um significado a essa palavra; pois indo além da água corrente encontrada ali, ele fala de uma água viva, que figura o dom do Espírito concedido a todo o que cresça nele e em suas palavras. A mulher, ao demonstrar interesse por essa água, revela seu desejo de não ter mais a necessidade de ir retirá-la do poço, entendendo que ele estaria apenas falando sobre o tema em seu sentido literal.

Jesus, nesse caso, continuando a conversa com a samaritana, solicita a presença de seu marido para que os dois pudessem receber daquilo que ele estava oferecendo. Aqui, então, nos é indicado que essa mulher não era casada, mas sim que já havia se relacionado anteriormente com outros cinco homens e o que estava com ela não era seu marido. Essa informação fornecida pelo narrador faz com que a menção anterior do horário tenha mais um significado. O local geográfico a que esse trecho de João 4 faz referência é parte do Oriente Médio. Logo, durante o dia o sol tende a ser mais intenso, fazendo com que os moradores dessas regiões evitem a realização de atividades ao ar livre (ou em locais descobertos) durante as horas mais quentes do dia. O que aquela mulher faria, então, à beira de um poço ao meio-dia? Por saber, conseqüentemente, que se tratava de uma meretriz, compreende-se que o horário alternativo para a retirada da água no poço configura também o anseio de fuga dos olhares, comentários ou até ataques pessoais que aquela mulher temia enfrentar, o que

igualmente intensifica o entendimento de sua expectativa de nunca mais precisar voltar para buscar água naquele lugar de exposição.

Nesse momento, Jesus revela que já era ciente de seu estilo de vida. A mulher se surpreende e declara: “Vejo que és profeta.” (v.19). A partir disso, ela se mostra conhecedora das questões litúrgicas da época ao dizer que sabe que, para os judeus, o local correto de adoração a Deus é Jerusalém. Ao declarar que o culto não estaria mais atrelado a um templo específico, Jesus anuncia um novo tempo, ensinando que a verdadeira adoração a Deus é espiritual. Malzoni (2018, p.106-107) diz:

Há um elo entre as duas partes deste diálogo, ou seja, a questão da água e a questão do culto. No final do livro de Ezequiel, há a visão das águas que saem do Templo (Ez 47:1-12). Essas águas levam vida por onde passam. Neste Evangelho, o Novo Templo é o corpo de Jesus, de onde também sairá essa água que traz vida. Nessa perspectiva, o diálogo de Jesus com a Samaritana é um anúncio de sua morte, do Espírito que dará com sua morte e do novo culto que se inaugura, no qual as diferenças entre judeus e samaritanos podem ser superadas.

Com o retorno dos discípulos, a samaritana deixa seu cântaro ali mesmo e, entusiasmada, adentra à cidade anunciando que havia encontrado o Cristo, que sua fé dizia que um dia viria e lhe explicaria todas as coisas. Nesse momento, muitos samaritanos que estavam naquela cidade creram em Jesus por conta do testemunho contado por aquela mulher e, a partir disso, iam ver com seus próprios olhos aquele que “é verdadeiramente o Salvador do mundo”⁵

A mulher samaritana é um exemplo particularmente bem construído de uma personagem esférica, partindo do princípio de que no decorrer do texto é posta sua perceptível transformação. Inicialmente, é apresentada como uma mulher envergonhada de si, consciente de suas ações e distanciada de sua sociedade para, no final da perícopes, ser retratada como uma anunciadora das Boas Novas. Ela, que anteriormente evitava ser vista pelas outras pessoas, agora corria por entre as ruas e vielas da cidade no anseio de ser ouvida, anunciando o Cristo que a encontrou. Seu diálogo e momento com o Mestre foram como uma chave para a revelação de Jesus como o Messias no meio de um povo que não era o judeu.

⁵ “Diziam à mulher: Já não é pelo teu dito que nós cremos; agora nós mesmos ouvimos falar e sabemos que este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (João 4:42)

Retomando a leitura do evangelho joanino, encontra-se no capítulo 8 a história de uma mulher que fora surpreendida pelos mestres da lei e fariseus cometendo adultério. Nos versículos de 3 a 11⁶ encontramos o registro turbulento da situação em que ela se encontrava.

É preciso saber, porém, que naquele contexto social era possível um homem possuir mais de uma esposa. Logo, o adultério era uma prática constituída na infidelidade de qualquer mulher que fosse casada. A lei judaica da época decretava o apedrejamento tanto da mulher quanto de seu amante⁷. O intrigante dessa narrativa é que somente a mulher é exposta e levada ao meio do grupo, onde ela é posicionada como o centro do julgamento. O que se lê é que os fariseus buscavam proveito da situação, pois eles não demonstram real interesse em acusar a mulher, mas sim, a Jesus, questionando-o sobre a Lei de Moisés, que era a que estava em vigor naquele período.

Jesus não os responde imediatamente e se inclina para escrever no chão de terra com seus dedos. Os homens insistem na pergunta e Jesus a devolve a seus ouvintes com um chamado à uma observação individual sobre os pecados de cada um deles. Ao perceberem que não conseguiram atingir seu objetivo, os acusadores vão se retirando um a um e deixam em cena somente Jesus e a mulher, que agora sim se torna o foco da ação de Cristo. O episódio se encerra com uma atitude de perdão, em que Jesus a faz refletir com a pergunta: onde estão aqueles que a condenavam? Quando ela reconhece que não havia mais ninguém ali, Jesus a perdoa e a encoraja a viver uma nova vida, longe das práticas condenadas pela Lei.

A função da personagem feminina dessa pequena narrativa do capítulo 8 foi inicialmente atribuída pelos próprios fariseus, que a estavam utilizando para mascarar a verdadeira intenção de sua ida até Jesus, que era a de acusá-lo (e não necessariamente apedrejá-la). Sua participação no enredo, porém, é crucial para que o caráter perdoador do Mestre seja revelado, juntamente com seu poder de ressignificar a existência de todo pecador verdadeiramente arrependido. Descobre-se quem ela é mais pelos comentários dos que estão ao redor dela do que por ela mesma, afinal, ela não confessa explicitamente seu pecado,

⁶ “Os mestres da lei e os fariseus trouxeram a Jesus uma mulher apanhada em adultério. Puseram-na de pé no meio do grupo e disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em adultério. Na Lei nos ordenou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas. Ora, o que dizes? Eles usavam essa pergunta como uma armadilha, para terem de que acusá-lo. Mas Jesus se inclinou e começou a escrever na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, ele se endireitou e disse: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro a lhe atirar uma pedra. Inclinando-se novamente, escrevia na terra. Quando ouviram isso, foram se retirando um a um, a começar pelos mais velhos, até que ficaram só Jesus e a mulher no lugar onde estavam. Jesus endireitou-se e disse: Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou? Respondeu ela: Ninguém, Senhor. Disse Jesus: Nem eu também te condeno. Agora vai e abandone a sua vida de pecado.” (João 8:3-11).

⁷ “Se um homem cometer adultério com a mulher de seu próximo, ambos, o adúltero e a adúltera, certamente serão mortos” (Levíticos 20:10).

somente é delatada por terceiros, fazendo com que sua participação efetiva seja breve, apenas respondendo uma única pergunta que Jesus faz. Todas essas questões tornam mais desafiadora a possibilidade de sua categorização, inclusive por se tratar da reprodução de uma pessoa real e não uma personagem criada.

Seguindo no texto em busca de outras personagens femininas, encontra-se um trio significativo em toda a narrativa evangélica; Marta, Maria e Lázaro. É no capítulo 11 de João que encontramos narrada a história de amizade e compaixão de Jesus com os três irmãos, sendo a iniciativa das duas mulheres em favor de seu parente enfermo destacada como a circunstância que possibilita o relato.⁸

Ao saber que Jesus passaria por Betânia (aldeia em que moravam), Marta e Maria enviaram uma mensagem a ele dizendo que aquele a quem ele amava estava doente. Aqui, elas enfrentam um certo dilema, pois, através da fé, reconheciam o poder que Jesus tinha para curar, mas igualmente sabiam que seu retorno à Judeia poderia ser arriscado (porque anteriormente havia sofrido uma tentativa de apedrejamento da parte dos judeus – fazendo com que seus discípulos o questionassem sobre a escolha de sua rota). Jesus, porém, amava

⁸ “Estava enfermo certo Lázaro, de Betânia, aldeia de Maria e de sua irmã Marta. Esta Maria, cujo irmão agora estava doente, era a mesma que ungiu o Senhor com bálsamo e lhe enxugou os pés com os cabelos. Mandaram as irmãs de Lázaro dizer a Jesus: Senhor, aquele a quem amas está enfermo. Quando Jesus ouviu isso, disse: Esta enfermidade não acabará em morte, mas é para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja por ela glorificado. Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. Quando, porém, ouviu que Lázaro adoecera, ficou ainda dois dias no lugar onde estava. Depois disse aos seus discípulos: Voltemos para a Judeia. Disseram os discípulos: Mestre, recentemente os judeus procuravam apedrejar-te, e voltas para lá? [...] Disse isso e continuou: Nosso amigo Lázaro dorme, mas vou despertá-lo. Responderam os discípulos: Se dorme, melhorará. Jesus estava falando da sua morte, mas os discípulos pensavam que ele se referia ao repouso do sono. Então Jesus disse claramente: Lázaro está morto, e me alegro, por vossa causa, de que lá não estivesse, para que possais crer, mas vamos até ele. “Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro havia sido enterrado. Betânia distava cerca de quinze estádios de Jerusalém e muitos judeus tinham vindo visitar Marta e Maria, para consolá-las acerca de seu irmão. Ouvindo Marta que Jesus vinha, saiu-lhe ao encontro. Maria, porém, ficou em casa. Disse Marta a Jesus: Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Ainda agora, porém, sei que tudo o que pedires a Deus, ele te concederá. Disse Jesus: Teu irmão ressuscitará. Respondeu Marta: Eu sei que ressuscitará na ressurreição, no último dia. Disse Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês nisso? Disse ela: Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo. Depois que ela disse isso, voltou e chamou Maria, sua irmã, em particular dizendo: O Mestre está aqui e te chama. Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi encontrar-se com Jesus. [...] Quando Maria chegou ao lugar onde Jesus estava, caiu-lhe aos pés dizendo: Senhor, se tu estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Jesus, vendo-a chorar, e também chorando os judeus que com ela vinham, comoveu-se profundamente em espírito e perturbou-se. [...] Jesus, comovendo-se profundamente outra vez, dirigiu-se ao sepulcro. Era uma gruta, com uma pedra posta sobre ela. Disse Jesus: Tira a pedra. Disse Marta: Senhor, já cheira mal pois é o quarto dia. Então Jesus lhe disse: Não te disse que se creres verás a glória de Deus? Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças eu te dou porque me ouviste. Eu sei que sempre me ouves, mas eu disse isso por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que tu me enviaste. Tendo dito isso, Jesus clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora! O morto saiu, tendo as mãos e os pés enfaixados, e o rosto envolto num lenço. Disse Jesus: Desatai-o e deixai-o ir.” (João 11:1-8; 11-15; 17-29; 32-33; 38-44).

Marta, Maria e Lázaro. É por isso que escolhe intervir na situação que aparentemente havia se tornado irremediável, uma vez que o cenário que ele encontra ao chegar em Betânia é o de Lázaro falecido há quatro dias.

Quando Jesus chega ao povoado, é Marta quem procura vê-lo. Nesse ponto, o autor revela traços da personalidade dessa mulher, que ao se encontrar com o Mestre, lamenta pelo suposto atraso dele. Ainda assim, declara sua fé em Jesus ao dizer que sabe que tudo o que ele rogasse a Deus lhe seria concedido. Essa é como uma súplica pela reversão da situação de perda e luto em que aquela família se encontrava, ainda que ela não soubesse muito bem como isso poderia acontecer, pois quando Jesus menciona a ressurreição, ela não compreende que ele falava também sobre Lázaro. Essa temática, inclusive, é o eixo de todo o trecho aqui destacado. Após a conversa, Marta volta para casa e procura Maria, dizendo que Jesus estava ali e chamava por ela.

No que diz respeito à caracterização da personagem no texto bíblico, Alter (2007, p. 177) declara que:

Em narrativas a cargo de um narrador confiável em terceira pessoa, como é o caso da Bíblia, há uma escala ascendente (quanto à explicação e à certeza) de meios para a comunicação de informações sobre as motivações, as atitudes e o caráter moral dos personagens. Sua índole pode ser revelada pelo relato das ações, da aparência, dos gestos, da postura e da roupa que usam; por intermédio dos comentários de outros personagens; pelo discurso direto, pelo monólogo narrado ou pelo monólogo interior; ou ainda pelas afirmações do narrador sobre o modo de ser e as intenções dos personagens, que podem ser feitas de maneira categórica ou motivada pelo contexto.

Vê-se, com base nessa afirmação, que é possível observar traços mais profundos de Marta e Maria de acordo com alguns pontos levantados por Alter. Esse exercício se torna mais viável quando as informações fornecidas no capítulo 11 são unidas às informações encontradas no capítulo 12 de João e em uma menção pontual das irmãs no evangelho de Lucas (que João não registra), mais especificamente no capítulo 10⁹, que em seu texto traz à luz o reforço das personalidades de ambas. Enquanto Marta seguia atarefada, protestando a inatividade de sua irmã, Jesus, conhecendo seu coração, a explica que ela se encontrava ansiosa e preocupada com muitas coisas. Maria, porém, ao sentar-se para ouvir as palavras do Mestre, escolheu a boa parte, a que de fato era-lhe necessária.

⁹ “Indo eles no caminho, entrou numa aldeia. E certa mulher, por nome Marta o recebeu em sua casa. Tinha esta uma irmã chamada Maria, a qual, assentando-se aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava ocupada, com muitos serviços e aproximando-se disse: Senhor, não te importas de que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe que me ajude. Respondeu Jesus: Marta, Marta, estás ansiosa e preocupada com muitas coisas, mas uma só é necessária. Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.” (Lucas 10:38-42).

João em seu texto também mostrará ao leitor que o posicionamento de ambas em relação ao falecimento de Lázaro é desigual. Ao passo que uma se prontifica a ir atrás de Jesus, a outra, em sua introspecção, permanece em casa recebendo as condolências dos demais judeus que estavam ali presentes. Entretanto, do mesmo modo existem alguns pontos que exprimem semelhança entre as duas. O primeiro, é que no determinado instante em que descobrem que o Mestre está por perto, vão ao encontro dele, ainda que em momentos distintos. A segunda é que, ao encontrá-lo dentro daquele contexto de luto, acabam por ter a mesma reação, dizendo a mesma coisa: “Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” (v.21 e v.32).

No capítulo 12, o evangelista relata que antes da celebração da Páscoa Jesus retorna à Betânia e reencontra Marta, Maria e Lázaro. Ali, oferecem a ele um jantar e durante o evento Marta segue servindo, enquanto Lázaro se reclinava à mesa com Jesus. Maria, porém, é quem protagoniza o trecho com sua atitude surpreendente para os que estavam ceando com eles. Ao encher toda a casa com o cheiro do perfume de nardo puro que derramou aos pés de Jesus, trouxe à tona a indignação de Judas (o discípulo que mais tarde trairia o Filho de Deus), que tinha consciência de que um litro desse perfume poderia chegar a custar o equivalente a um ano completo de salário. O narrador onisciente revela que o comentário de Judas em relação à venda do produto para que se pudesse reverter em oferta aos pobres o valor arrecadado não era honesto, pois em seu coração havia mais amor ao dinheiro que ao Senhor¹⁰.

O ponto importante, porém, é o que ressalta a forma como Jesus se relaciona com Maria e como a atitude dela é recebida por ele. Enquanto as pessoas ao redor da mesa se admiravam ou se espantavam com o ocorrido, Jesus permaneceu tranquilo, afirmando que aquilo que Maria lhe havia reservado era para o dia de seu enterro.

Nessas duas ocasiões do evangelho de João podemos ver que Marta e Maria recebem a incumbência de apontar o caminho para o sacrifício de Jesus Cristo. No capítulo 11, o diálogo de Jesus com Marta sinaliza questões profundas acerca da ressurreição, questões com as quais ela mesma ainda se mostrava confusa. É nessa situação específica que Jesus

¹⁰ “Seis dias antes da Páscoa, Jesus chegou a Betânia, onde vivia Lázaro, a quem ele ressuscitara dos mortos. Ofereceram-lhe ali um jantar. Marta servia e Lázaro estava entre os que se reclinavam à mesa com ele. Então Maria tomou uma libra de um nardo puro, um perfume muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. E toda a casa se encheu com a fragrância do perfume. Contudo, um dos discípulos, Judas Iscariotes, que mais tarde o trairia, objetou: Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres? Ele disse isso não pelo cuidado que tivesse com os pobres, mas porque era ladrão; tendo a bolsa de dinheiro tirava o que nela se lançava. Respondeu Jesus: Deixai-a. Ela guardou este perfume para o dia do meu enterro. Pois vós sempre tereis os pobres, mas a mim nem sempre tereis. (João 12:1-8).

revela que todo aquele que nele crer, ainda que experimente a morte, encontrará vida. Marta, ao ser questionada em relação à sua convicção, termina por proclamar uma das mais expressivas declarações de fé de todos os evangelhos. Ela entende e manifesta que Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus. É válido ressaltar que a fala de Marta em muito se assemelha à de Pedro, o discípulo, que do mesmo modo reconheceu a filiação divina do Mestre.¹¹

A interação de Jesus com Maria é igualmente singular. Ele a ouve e a recebe em todas as situações em que ela procura se apresentar perante ele. É ao vê-la chorando que se comove profundamente e chora também. O sofrimento de Maria revela o coração humano de Jesus que, embora sendo Filho de Deus, enxergava a finitude humana e se compadecia dela. É no movimento da compaixão que Maria desperta no coração de Jesus, que Lázaro retorna à vida. Ainda falando sobre essa personagem, João a registra como quem derrama o perfume de nardo puro aos pés de Cristo, fazendo alusão ao embalsamento que ele seria submetido após sua morte.

As atitudes e os posicionamentos das irmãs nesse ponto do enredo são de extrema relevância, pois prenunciam os acontecimentos vindouros no desenvolvimento da narrativa joanina, ainda que ambas possam ser vistas como personagens planas, entendendo que seus comportamentos e personalidades são mantidos durante todo o texto. E assim, João encerra a primeira sessão principal do livro e dá início à segunda, relatando as longas falas do Messias, juntamente com o cerne de todo o registro: sua morte e ressurreição.

Após o encerramento do trecho destacado no capítulo 12, a próxima aparição de personagens femininas no evangelho joanino se dá no capítulo 19, dos versículos 25 ao 27¹². Esse trecho possui paralelos nos registros sinóticos. João, porém, traz detalhes e notas sobre o momento que os outros autores optam por suprimir.

Primeiramente, lê-se que as mulheres mencionadas no texto (a mãe de Jesus, Maria, mulher de Clopas e Maria Madalena) não estavam distantes da cruz, mas sim, em proximidade. Malzoni (2018, p. 289) nos elucida que o autor joanino é o único que aponta a presença da mãe de Jesus no momento de sua crucificação. Vale retomar o fato de que ela já havia sido mencionada anteriormente, no início do livro (capítulo 2), no relato das Bodas de

¹¹ “Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:16)

¹² “Junto à cruz de Jesus estava a sua mãe, a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Vendo Jesus ali a sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis a tua mãe. Dessa hora em diante o discípulo a recebeu em sua casa.” (João 19:25-27).

Caná. Posto isso, é possível analisar a forma como o relacionamento de Jesus com sua mãe é demonstrado no início e no final da história.

Na festa de casamento, quando ela o procura para solucionar o incidente relacionado ao término do vinho, Jesus a responde de modo a marcar certo distanciamento de sua própria mãe, afinal, questiona sobre o que ele tem com ela, frisando que ainda não havia chegado a sua hora. Porém, ainda assim, a obedece prontamente. Já no momento de sua crucificação, ainda que debilitado fisicamente, se mostrou atento às necessidades dela, a direcionando ao discípulo amado, dizendo que a partir daquele momento, este seria seu filho e dizendo a ele que ela seria sua mãe.

O acompanhamento dessas mulheres a Jesus no momento mais desafiador de toda sua missão simboliza o cuidado daqueles que tinham aprendido a amá-lo, mas que em sua limitação humana não eram capazes de reverter a situação de sofrimento em que ele se encontrava. E a resposta de Jesus a esse cuidado é de um olhar de graça, pois ainda que em agonia, cuidou de sua família sem contestações.

Caminhando para o encerramento do livro, após a narração da crucificação do Mestre, no capítulo 20¹³ ocorre duas vezes a menção a Maria Madalena (que anteriormente fora citada junto à outras mulheres que estavam aos pés da cruz). A primeira referência é a de quando ela vai em direção ao sepulcro onde Jesus havia sido posto depois de ter sido retirado da cruz e encontra a pedra removida. Ao correr ao encontro dos discípulos, anuncia que o corpo de Cristo havia sido retirado de lá. Ainda que unicamente seu nome seja exposto nesse pequeno trecho, sua fala na primeira pessoa do plural aponta para a tradição de que outras mulheres a acompanhavam (“...e não sabemos onde o colocaram” v.2b).

Esse fragmento de texto é eletrizante por trazer consigo a agitação no comportamento das personagens que é proporcionada pela dúvida sobre o que de fato teria ocorrido naquele momento. É Maria Madalena que se torna a mensageira do primeiro indício da ressurreição de Jesus Cristo, a qual seus seguidores ainda não haviam compreendido completamente, ao passo que se compreende que o autor expõe implicitamente o pensamento de que Maria talvez estivesse sugerindo que o corpo de Jesus havia sido roubado, o que não seria ao todo incomum. Justamente por isso que dois deles se apressam em direção ao referido sepulcro e confirmam a fala daquela mulher.

¹³ “Na madrugada do primeiro dia da semana, sendo ainda escuro, Maria Madalena foi ao sepulcro e viu que a pedra fora removida da entrada. Correu ela ao encontro de Simão Pedro e do outro discípulo, a quem Jesus amava, e lhes disse: Tiraram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o colocaram.” (João 20: 1-2).

Poucos versículos após, Maria Madalena é trazida novamente ao enredo e conclui aquilo que havia iniciado. O trecho destacado se encontra em João, capítulo 20, dos versículos de 11 a 18.¹⁴ Vê-se que ao deixar de olhar para o sepulcro, símbolo de luto e morte, ela se encontra com o Mestre. O intrigante é ver que ela não o reconhece imediatamente, confundindo-o com o jardineiro do local. Ele então a chama pelo nome e, ao exclamar: “Maria!” (v.16), ela finalmente o identifica e clama: “Rabôni!” (v.16). Esse momento pode muito bem ser relacionado a um discurso anterior de Jesus, registrado no capítulo 10 do evangelho de João, que diz: “Quando tira para fora todas as ovelhas que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque conhecem a sua voz.” (João 10:4). Maria é reconhecida como uma ovelha que pertence a Jesus, ou seja, uma discípula sua, pois conhece a voz do Bom Pastor, aquele que deu a vida pelas suas ovelhas (de acordo com a leitura de João 10:11).

A importância da presença de Maria Madalena nesse momento é grandiosa, afinal, João a registra como a primeira pessoa e discípula a ver o Cristo ressurreto, dando a ela a incumbência de anunciar aos demais que ele cumpriu com aquilo que disse que faria. Tal quadro na cultura judaica é espantoso, afinal, as mulheres não eram validadas como testemunhas sobre nenhuma ocorrência nem mesmo nos tribunais da época. Porém, quem recebeu o privilégio de proclamar a maior notícia de todo o Evangelho, foi justamente uma mulher, mulher cuja vida havia sido restaurada pelo próprio Cristo (Lucas 8:2).¹⁵ Essa contradição torna ainda mais verossímil o relato joanino das palavras de Maria Madalena. Se algum judeu estivesse em busca de credibilidade, jamais inventaria uma história como essa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todos os exercícios interpretativos realizados sobre os textos bíblicos nos quais as personagens femininas são mencionadas no evangelho de João, nota-se uma progressão na forma como Jesus se aproxima das mulheres à medida em que o enredo vai se desenvolvendo. Ele começa distante das mulheres (sua mãe), entretanto, termina por se apresentar vivo primeiramente a uma.

¹⁴ “Maria, porém, ficou chorando junto à entrada do sepulcro. Enquanto chorava, abaixou-se para olhar para dentro do sepulcro e viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Os anjos lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela respondeu: Levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. Tendo dito isso, voltou-se e viu a Jesus ali em pé, mas não percebeu que era Jesus. Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Pensando em tratar-se do jardineiro, ela respondeu: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o irei buscar. Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, disse em hebraico: Rabôni! (que quer dizer, Mestre). Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, pois ainda não voltei ao Pai. Mas vai ter com meus irmãos e dize-lhes: Eu volto para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: Vi o Senhor! E contou o que ele lhe dissera.” (João 20:11-18)

¹⁵ “Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios.”

As situações vividas por cada personagem feminina também tem o seu valor, pois todas elas apontam para uma característica específica de Jesus, como nas Bodas de Caná, sua capacidade de realizar milagres; sua onisciência provada pela mulher samaritana; seu caráter perdoador, conhecido pela mulher surpreendida em adultério; a revelação que Marta recebe sobre o dom da vida; sua humanidade, ao chorar com Maria; sua graça estendida às mulheres que estavam aos pés da cruz e seu poder sobre a morte, testemunhado por Maria Madalena.

A partir do capítulo 11, as ocorrências com as mulheres tomam igualmente um formato determinante de prenunciadoras dos episódios seguintes, de modo a definir o que irá suceder em sequência, principalmente por se tratar de situações que apontam diretamente para o sacrifício e ressurreição de Cristo. Isso mostra que o autor do evangelho joanino se preocupa em construir sua narrativa a partir de uma perspectiva que procura relacionar o sentido que os registros podem ter entre si, como em um movimento espiral, onde um acontecimento retoma a outro para completar seu significado dentro do próprio enredo e igualmente no contexto de fé para todos os que concebem as Escrituras Sagradas como a voz do próprio Deus.

As personagens femininas dentro do evangelho de João possuem funções específicas e carregam, de fato, relevância em suas aparições, pois, em resumo, sustentam a mensagem principal da personagem central, Jesus Cristo, que conclui com perfeição o objetivo que o autor traz para si no prólogo posto no primeiro capítulo, mencionado anteriormente. Assim, João revela aos judeus da época e aos leitores atuais a figura paterna de Deus e o poder de serem feitos seus filhos por meio da fé.

Vale ressaltar que a perspectiva literária sobre o texto Sagrado sempre será válida, pois a partir do estudo das estruturas narrativas, personagens, do tempo, espaço e enredo, entende-se melhor a construção de sentido que as palavras escritas trazem àquele que é nomeado como a própria Palavra. Mesmo assim, se vê que entre tantos feitos, ainda muitos outros não foram registrados, com tantas outras personagens femininas que puderam ver e experimentar a companhia e grandes feitos do Mestre. E na afirmação do próprio autor do livro: “Jesus fez muitas outras coisas. Se cada uma delas fosse escrita, estou certo de que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que seriam escritos” (João 21:25).

4. REFERÊNCIAS

ALTER, Robert. *A Arte da Narrativa Bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA de estudo. Nova versão transformadora. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. 3a. Ed. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio et a. *A personagem de ficção*. 11a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CULPEPPER, Alan R. *Anatomy of the Fourth Gospel: a study in literary design*. Philadelphia: Fortress, 1983.

EAGLETON, Terry. *Como ler literatura*. Porto Alegre: L&PM, 2019.

EDWARDS, Mark. John. Malden: Blackwell, 2004 (Blackwell bible commentaries series).

FORSTER, Edward M. *Aspectos do Romance*. São Paulo: Globo, 1998.

MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.

THOMPSON, Frank Charles; Bíblia Thompson: com versículos em cadeia temática, estudos ilustrados, suplemento arqueológico e concordância. Tradução de João Ferreira Almeida. São Paulo. Vida. 2010.

Contatos: marinabmbarone@gmail.com

joao.leonel@uol.com.br